O Perfil do Oficial Brasileiro do Século XXI nas Operações de Paz

Cad **Douglas Brasil**
Cad **Trindade**
Cad **Moitinho**
Cad **Paim**
Cad **Mickosz** [1]

RESUMO: trata o referido artigo de uma pesquisa bibliográfica a respeito do perfil do oficial brasileiro do século XXI nas operações de paz, onde buscou-se, através do histórico das missões de paz da ONU verificar as mudanças ocorridas na área de operações que influenciaram diretamente no perfil dos militares brasileiros. As missões que há tempos idos eram em locais de baixa densidade demográfica, passaram a ser travadas em centros urbanos, em meio à população civil, o que requereu modificações tanto tecnológicas quanto nos treinamentos e perfil dos militares. Ao final conclui-se que o oficial brasileiro do século XXI nas operações de paz é muito mais de um líder do que de um combatente preocupado com a instrução individual básica. Considera-se este tema relevante à medida em que se percebe que tais mudanças influenciam o sucesso das missões atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Oficial brasileiro. Operações de Paz. Perfil do militar.

1 INTRODUÇÃO

A fim de manter a ordem e a segurança mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) desde o ano de 1948 promovem as operações de paz.

Inicialmente contava com um contingente de 120 homens desarmados e atualmente, 70 anos depois, opera com 71 forças bem armadas que contam com aproximadamente 106 mil homens e mulheres, de 122 países, inclusive o Brasil, em 16 missões nos mais diversos países.

As missões de paz fazem parte da história no Exército Brasileiro, porém, ao longo do tempo, mudanças podem ser observadas, principalmente nos aspectos táticos, uma vez que os ambientes de operações dessas tropas têm mudado.

Em tempos idos as missões de paz se davam em ambientes rurais, atualmente as mesmas acontecem em centros urbanos, onde misturam-se civis e forças adversas, devendo para tanto que o oficial militar saiba como agir nestas circunstâncias a fim de evitar que civis inocentes sejam feridos.

Para que isso ocorra o militar deve valorizar as relações internacionais, aprender outros idiomas e a cultura local de onde será realizada sua missão. Com isso conseguirá obter confiança da população, podendo assim realizar sua missão com sucesso.

Diante destas mudanças ocorridas no perfil do oficial brasileiro no século XXI nas operações de paz, necessário se faz a promoção de literaturas a respeito, para que se possa entender como e porque isso ocorreu.

Assim sendo, este artigo tem por objetivo identificar tais mudanças e avaliar se as mesmas foram benéficas para o bom andamento das missões.

---

[1] Cadetes do 4º Ano da Academia Militar das Agulhas Negras, orientados pelo Ten Cel Leonardo **Sucar** dos Anjos, Professor da Cadeira de Direito da AMAN, mestrando pelo PPGEM/EGN.

2 EVOLUÇÃO DAS MISSÕES DE PAZ DA ONU

De acordo com a Organização das Nações Unidas, ONU, é uma associação internacional de Estados, a qual substitui a Liga das Nações, criada após a Segunda Guerra Mundial, com os objetivos de promover a paz e segurança internacional, dando uma ferramenta para solucionar controvérsias entre nações com melhores condições de vida para a sociedade, abrangendo também uma série de temas que se relacionam com a questão humanitária, defesa dos direitos humanos, estímulo ao desenvolvimento humano e social e uma série de outras questões. (ONU 2001)

A ONU é composta por 193 Países-Membros regidos pelas regras e princípios da Carta da ONU, documento descritivo dos direitos e deveres de seus membros. A Carta das Nações Unidas foi assinada em São Francisco, EUA, em 26 de junho de 1945, após o término da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional, entrando em vigor no dia 24 de outubro do mesmo ano e tem como objetivo principal o seguinte:

> Manter a paz e a segurança internacionais e, para esse fim: tomar, coletivamente, medidas efetivas para evitar ameaças à paz e reprimir os atos de agressão ou outra qualquer ruptura da paz e chegar, por meios pacíficos e de conformidade com os princípios da justiça e do direito internacional, a um ajuste ou solução das controvérsias ou situações que possam levar a uma perturbação da paz; Desenvolver relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal; Conseguir uma cooperação internacional para resolver os problemas internacionais de caráter econômico, social, cultural ou humanitário, e para promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião; e Ser um centro destinado a harmonizar a ação das nações para a consecução desses objetivos comuns. De acordo com (ONU 2001, p. 5)

Nos anos de 1920 e 1930, período que ainda era liderada pela Liga das Nações, a ONU deu-se início às Operações de Manutenção da Paz, tendo como objetivos a segurança, prevenção de conflitos e a manutenção da paz. No entanto, tinha-se em mente que a segurança internacional deveria ser feita pelas grandes potências, as quais se responsabilizariam por manter a segurança ainda que além de suas fronteiras. (ONU, 2001)

A partir da criação da ONU em 1945, os principais objetivos passaram a se constituir em manter a paz e a segurança internacional, o que a levou a atuar em diversas regiões do mundo, evitando conflitos, propiciando a negociação entre opositores e restaurando a paz após uma guerra. (ONU, 2001)

Em 1948, quando se deu a primeira operação de paz, a ONU empregava um efetivo de 120 homens desarmados, os quais vestiam uniformes variados e seguiam rumo ao Oriente Médio, a fim de monitorar o Acordo de Armistício entre Israel e seus vizinhos, cenário que, com o passar dos anos mudou, hoje o emprego de armamento e tecnologia bélica se tornou essencial para a consecução dos objetivos imposto a cada missão.

Com o advento da guerra fria o objetivo das missões de paz estabeleceu-se em monitorar e colaborar no cessar fogo em acordos de paz, utilizando-se para tanto de armamentos leves. (ONU, 2016)

Ao findar a guerra fria surgiu um novo contexto estratégico das missões de paz. A ONU deixou de atuar exclusivamente em missões que envolviam tarefas militares e passou a realizar também tarefas voltadas para os direitos humanos, construção de estruturas de governos, garantia de reformas setoriais, desarmamento, desmobilização e reintegração de ex-combatentes. (ONU, 2016)

A UNIC atenta para o fato da mudança na natureza dos conflitos, que passou a abranger não só os conflitos internacionais mais também guerras civis, o que exigiu que as missões, além de militares, tivessem como atores também administradores, economistas, policiais e especialistas em legislação, observadores eleitorais, peritos em desminagem, monitores de direitos humanos, especialistas em governança e questões civis, dentre outros. (UNIC, 2014)

Comparando com os tipos de operações anteriores, as operações modernas são muito mais complexas e exigem da tropa um nível muito maior de adestramento. Anteriormente o objetivo principal era observar, relatar violações e procurar soluções pacíficas para conflitos, geralmente, entre países em guerra, atualmente os objetivos são levar a paz a lugares que foram devastados por conflitos, em muitos casos, internos, e com a dificuldade ou impossibilidade de ser executado um acordo devido a fragilidade da situação. (Solano, 2004)

> Para atuar nessas operações, foi desenvolvida uma abordagem multidimensional com militares, policiais e civis trabalhando principalmente na área de direitos humanos e a proteção de civis. Com isso, deve haver mostras da capacidade de adaptação dos quadros a condicionantes operacionais cada vez mais complexos (SOLANO, 2004, p. 18).

Assim sendo, com o passar dos anos foi necessário um novo paradigma de atuação das tropas na manutenção das operações de paz, onde as tropas passaram a atuar em cenários de alto risco, em ambiente urbano, junto a civis, sem saber quem é o inimigo. (SOLANO, 2004)

Atualmente a ONU conta com o Departamento de Apoio Logístico (DFS), o qual auxilia missões dando assistência administrativa e de logística. Além disso houve um acréscimo de 40% na participação de mulheres entre os anos de 2007 e 2008. (UNIC, 2014)

> Em 2007, a Assembleia Geral da ONU promoveu a reestruturação deste importante setor da ONU, reorganizando o DPKO e criando o DFS. O processo de reestruturação também incluiu um aumento de recursos financeiros para a área e a criação de novas capacidades e estruturas integradas para enfrentar a crescente complexidade desta atividade. Nesta nova estrutura, o DPKO é o responsável pela estratégia e gerenciamento das operações de paz, enquanto o Departamento de Apoio Logístico provê suporte operacional e profissionais especializados nas áreas de pessoal, financeiro e orçamentário, comunicações, informação e tecnologia e logística (UNIC, 2014).

Além disso a ONU conta em suas missões de paz com a parceria de outras organizações internacionais, como a União Africana (UA) e a União Europeia (EU).

Com as transformações ocorridas nos cenários dos conflitos, houve a necessidade da ONU se adaptar aos diferentes ambientes e necessidades, flexibilizando os tipos de missões, trabalhando em parceria com outras organizações, treinando policiais, desarmando e reintegrando ex-combatentes, apoiando o retorno de populações deslocadas e refugiadas dentre outros. (UNIC, 2014)
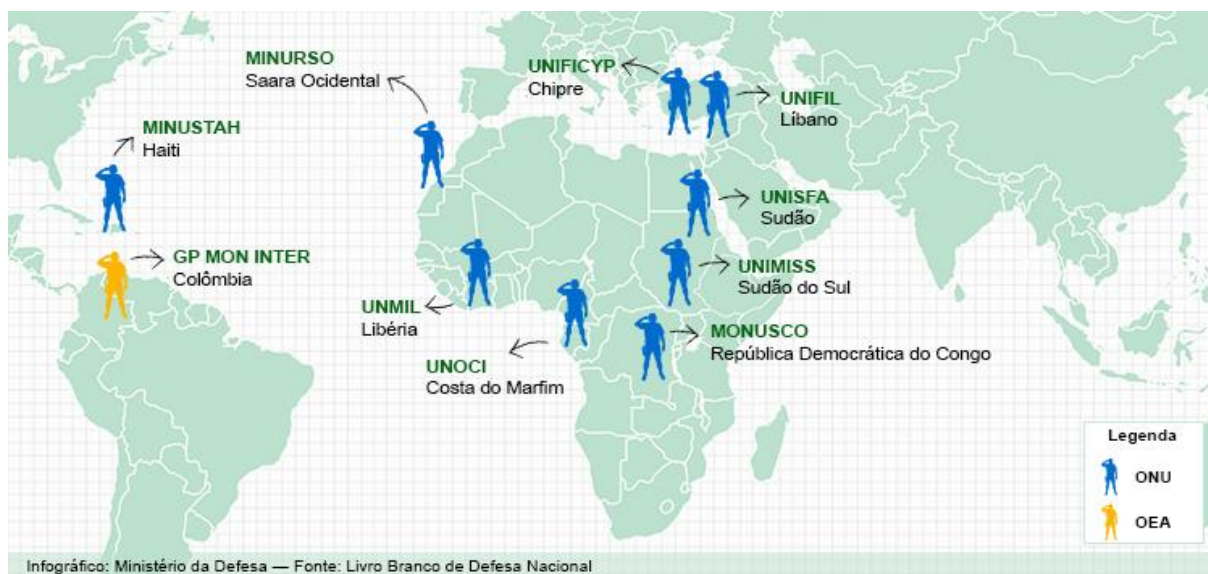
Figura 1: Principais missões de paz da ONU atualmente
Fonte: Ministério da Defesa, 2016.

3 O BRASIL E AS MISSÕES DE PAZ DA ONU

Segundo Silva Júnior, a primeira experiência do Brasil ao ceder tropas das Forças Armadas para a ONU ocorreu no território do Egito, na crise de Suez, onde o Batalhão de Suez contava com um número de 600 oficiais e praças do Exército, tendo início em 1956 e findando em 1967. (JÚNIOR, 2007)

No período de 1957 a 1974 o Brasil participou de missões com observadores internacionais no acordo entre Holanda e Indonésia sobre o Iran Ocidental, Chipre, quando o então General Paiva Chaves foi colaborar na implantação da UNFICYP – Forças de Paz das Nações Unidas no Chipre. (JÚNIOR, 2007)

Entre 1960 e 1964 o Brasil se fez presente na ONUC – Operação das Nações Unidas no Congo, primeira missão em que foi autorizado o uso da força, o Brasil participou com aeronaves de transporte e de pessoal de terra. Atuou também como observador internacional na UNIPOM – Missão de Observação das Nações Unidas na Índia e Paquistão, a fim de verificar o acordo de cessar fogo na região da Cachemira entre 1965 e 1966. (JÚNIOR, 2007)

Nos anos de 1965 e 1966 o Brasil participou da criação do DOMREP – Missão do Representante do Secretário-Geral na República Dominicana e da FIP – Força Interamericana de Paz, onde o Brasil compôs um efetivo de 1.200 homens a FAIBRAS – Destacamento Brasileiro da Força Armada Interamericana. (SILVA JÚNIOR, 2007)

Segundo Solano (2004), a participação do Brasil nas missões de paz remonta a uma tradição histórica, sendo que de 2001 a 2009 o Brasil triplicou a quantidade de missões nas quais participou. Enquanto em 2001 eram apenas 3, UNTAET, MINUGUA, UNMOP, em 2009 o número cresceu para 9 missões, MINUCART, MINURSO, MINUSTAH, UNMIL, UNMIN, UNMIS, UNMIT,UNOCI, UNFICYP.

No início de 2004 o Brasil recebeu convite da ONU de liderar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) e no ano de 2010, após um terremoto devastar o país os militares brasileiros contribuíram para a reconstrução do país. (NUNES, 2013)

ANO/PERÍODO	OPERAÇÃO	EFETIVO	DESCRIÇÃO
Jan 89 – Mai 91	UNAVEM – I (Angola)	16	O Brasil contribuiu com observadores militares para o primeiro mandato da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM I).
Abr 90 – Jan 92	ONUCA (Honduras, Nicarágua, Guatemala, El Salvador e Costa Rica)	34	O Brasil contribuiu com observadores militares para o Grupo de Observação das Nações Unidas na América Central (ONUCA).
Mai 91 – Fev 95	UNAVEM –II (Angola)	77	O Brasil continuou contribuindo para a nova missão em Angola - Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola II (UNAVEM II) - com observadores militares e, posteriormente, com uma equipe médica integrada por médicos e enfermeiros militares.
Jun 91 – Abr 95	ONUSAL (El Salvador)	63	O Brasil contribuiu com observadores militares e uma equipe médica para a Missão de Observação das Nações Unidas em El Salvador (ONUSAL).
Ago 92 – Dez 95	UNPROFOR (Ex-Iugoslávia)	90	O Brasil enviou observadores militares para a Força de Proteção das Nações Unidas na Ex-Iugoslávia (UNPROFOR).
Jan 93 – Dez 04	ONUMOZ (Moçambique)	218	O Brasil contribuiu com observadores militares na Operação das Nações Unidas em Moçambique (ONUMOZ). No período de junho a dezembro de 1994, o Exército manteve na missão uma companhia de pára-quedistas reforçada (170 homens)
Ago 93 – Set 94	UNOMUR (Uganda e Ruanda)	13	O Brasil cedeu dez observadores militares e uma equipe médica com três militares na Missão de Observação das Nações Unidas em Uganda-Ruanda (UNOMOR).
Set 93 – Nov 93	UNOMIL (Libéria)	3	O Brasil cedeu observadores militares da UNAVEM II para servir na Operação das Nações Unidas na Libéria (UNOMIL).
Out 94 – Dez 00	MINUGUA (Guatemala)	39	O Brasil cedeu observadores militares para supervisionar o aquartelamento e desmobilização da guerrilha guatemalteca na Missão das Nações Unidas na Guatemala (MINUGUA).
Desde Set 94	MARMINCA (Honduras, Nicarágua, Guatemala e Costa Rica)	60	O Exército Brasileiro vem participando na Missão de Assistência à Remoção de Minas na América Central (MARMINCA) sob a égide da Organização dos Estados Americanos (OEA) com uma equipe de supervisores de desminagem.

Mai 95 – Jan 96	**UNCRO (Croácia)**	**2**	**O Brasil contribuiu com observadores militares Operação de Restauração da Confiança das Nações Unidas na Croácia (UNCRO).**
Mar 95 – Jun 99	**MOMEP (Equador e Peru)**	**133**	**A Missão de Observadores Militares Equador – Peru (MOMEP) foi criada em 10 Mar 95 e concluída em 30 Jun 99. O Exército participou com observadores militares e efetivos do grupo de apoio à missão e pilotos de helicópteros.**
Mar 95 – Fev 99	**UNPREDEP (Macedônia)**	**5**	**O Brasil cedeu observadores militares à Força de Desdobramento Preventido das Nações Unidas na Ex-Ioguslávia de Macedônia (UNPREDEP).**
Ago 95 – Jul 97	**UNAVEM- III (Angola)**	**4174**	**O Brasil contribuiu com um batalhão de infantaria, uma companhia de engenharia, dois postos de saúde avançados, oficiais do Estado-Maior e observadores militares para a Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola III (UNAVEM III)**
Jan 96 – Jan 98	**UNTAES (Eslavônia Oriental)**	**9**	**O Brasil participou com observadores militares na Administração Transitória das Nações Unidas na Eslavônia Oriental (UNTAES).**
Jan 96 – Dez 02	**UNMOP (Península de Prevlaka)**	**5**	**O Brasil participou com observadores militares na Missão das Nações Unidas na Península da Prevlaka (UNMOP).**
Jun 97 – Out 99	**MONUA (Angola)**	**35**	**O Brasil contribuiu com observadores militares, oficiais de Estado-Maior e um componente militar médico na Missão de Observação das Nações Unidas em Angola (MONUA).**
Jun 99 – Abr 00	**UNAMET (Timor Leste)**	**7**	**O Brasil participou com oficiais de ligação na Missão das Nações Unidas no Timor Leste (UNAMET).**
Set 99 – Out 99	**INTERFET (Timor Leste)**	**51**	**Força de Intervenção no Timor Leste (INTERFET) – com o propósito de restaurar a paz e a segurança no Timor Leste, proteger e apoiar a UNAMET no desempenho de suas atividades e facilitar as operações de assistência humanitária. O Brasil participou com um Pelotão de Polícia do Exército.**
Out 99 – Mai 00	**UNTAET (Timor Leste)**	**349**	**A Administração Transitória das Nações Unidas no Timor Leste (UNTAET) foi criada em outubro de 1999. A participação do Exército Brasileiro foi representada com observadores militares, pessoal de Estado-Maior e um pelotão de Polícia do Exército com 51 militares (posteriormente foi aumentado para 70).**

Tabela 1: Participação do Brasil nas missões da ONU 89 a 2000
Fonte: Silva Júnior, 2007.

Nos últimos anos a atuação brasileira no Haiti, não somente como manutenção da paz, mas também na reconstrução do Estado, tem sido até então a sua participação de maior destaque em operações de paz, caracterizando uma tentativa de implementar um novo modelo de intervenção em conflitos internos. (SOLANO, 2004).

Segundo Ministério da Defesa, no Líbano, desde 2011, a Marinha do Brasil lidera a UNIFIL não só empregando um navio e uma aeronave orgânica na costa libanesa no intuito de coibir a entrada de armamento ilegal e contrabando no país, contribuindo também com o treinamento da Marinha libanesa.

Outras funções da Marinha do Líbano são: monitorar a cessação das hostilidades, de apoiar o desdobramento das forças armadas libanesas em todo o Sul do país e estender sua assistência de modo a garantir acesso humanitário à população civil e permitir o retorno seguro e voluntário dos deslocados. (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016).

O Exército Brasileiro desde 1948 já participou de mais de 30 missões de paz, sendo que no ano de 2013 participou de 7 missões de paz em países como: Chipre, Equador, Costa do Marfim, Peru, Líbano, Libéria, Sudão e Haiti. Dentre essas missões a que mais chama atenção é a missão de paz no Haiti.

Segundo o Itamaraty, o Conselho de Segurança da ONU é composto por cinco membros permanentes: Estados Unidos, Rússia, China, França e Reino Unido e por dez membros não permanentes, os quais são eleitos para mandatos de dois anos. O Brasil é o país que por mais vezes integrou o CSNU como membro não permanente, isso devido a sua atuação junto ao órgão.

Neste contexto o Brasil defende a utilização de vias diplomáticas e política para solucionar conflitos, deixando como última opção as vias coercitivas. A diplomacia preventiva é utilizada para proteger as populações civis que encontram-se sob risco de violência, deixando claro haver uma interdependência entre segurança e desenvolvimento (ITAMARATY, 2017).

Atuando sempre de forma equilibrada e mantendo diálogos constantes, o Brasil, nos mandatos que exerceu junto ao CSNU sobressaiu-se por sua postura, o que, para o país, é de suma importância devido ao contexto em que o mesmo encontra-se inserido (ITAMARATY, 2017).

4 O PERFIL DO OFICIAL BRASILEIRO DO SÉCULO XXI NAS OPERAÇÕES DE PAZ

Diante de todo este quadro de mudanças, tanto no ambiente operacional quanto na característica das missões, há uma necessidade que os oficiais brasileiros envolvidos nas missões recebessem treinamentos adequados a tais missões.

Segundo o Manual de Operações de Paz “o preparo para a participação em operações de paz, de responsabilidade de cada uma das FA, deverá estar voltado, basicamente, para o cumprimento das tarefas previstas para as unidades disponibilizadas para cada OP”. (Brasil, 2009, p. 33)
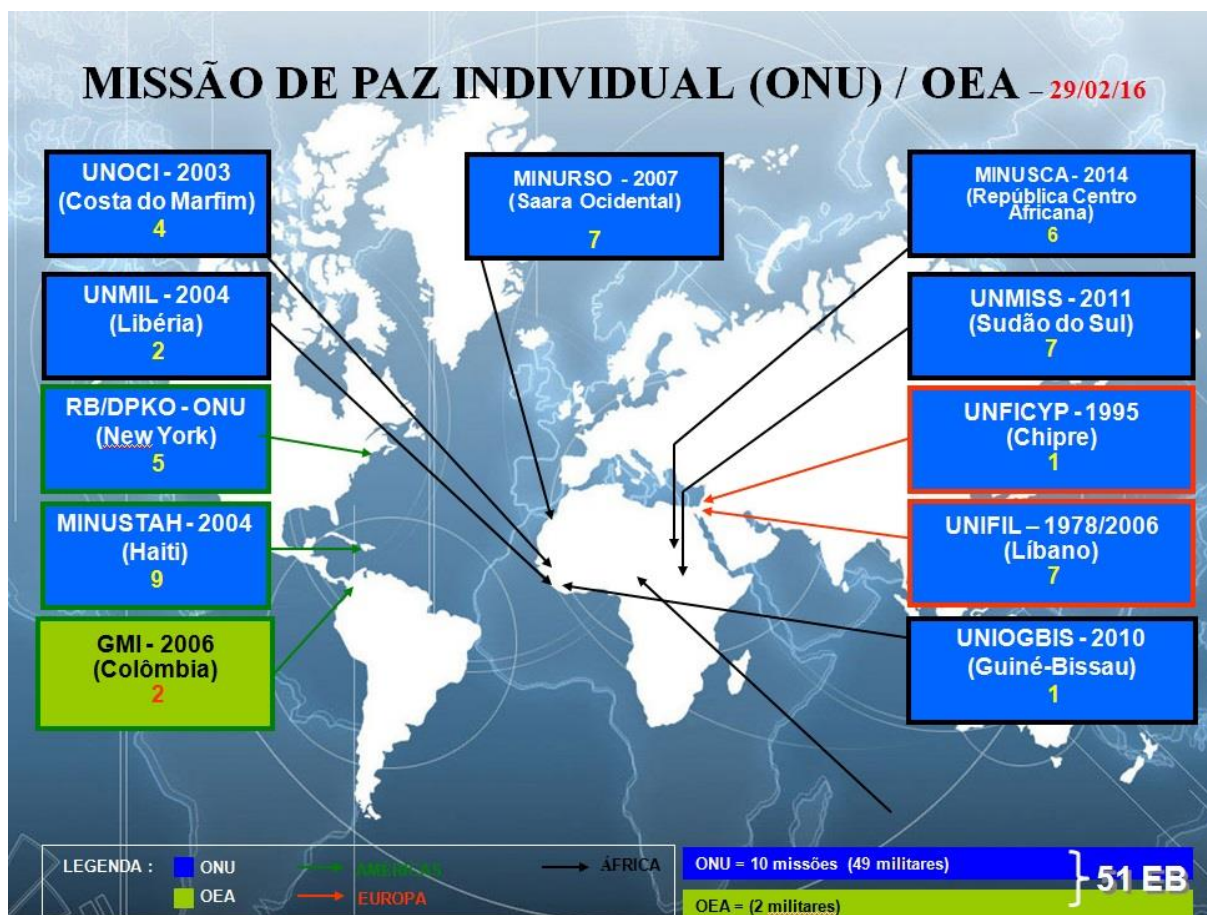
Figura 2: Principais missões de paz da ONU atualmente
Fonte: Ministério da Defesa, 2016.

O mesmo diploma destaca ainda as seguintes tarefas operacionais que devem ser realizadas pela Força de Paz: conduzir atividades de busca, patrulhamento, observação, supervisão, monitoração e relato de situações; conduzir operações tipo polícia; evacuar áreas; desdobrar preventivamente a força; estabelecer e manter áreas de segurança; participar na desmobilização, desarmamento e reintegração (DDR) de facções litigantes; cooperar para o atendimento de necessidades críticas da população; controlar determinadas áreas terrestres, marítimas ou ribeirinhas; exercer a vigilância e o controle de determinado espaço aéreo; cumprir sanções ou embargos; contribuir para a assistência humanitária; prestar assistência a refugiados e deslocados; estabelecer um local neutro para negociações de paz; dirigir negociações locais entre as facções envolvidas; efetuar operações de desminagem; executar operações de evacuação; respaldar a ação diplomática pela presença; interpor-se entre forças oponentes; executar operações de transporte de carga, pessoal ou material; atuar no espectro eletromagnético; prover apoio de fogo, caso sejam imprescindíveis para o exercício do direito de autodefesa das forças da ONU em terra; alojar temporariamente tropas da ONU; prover segurança a instalações e autoridades; realizar escolta de comboios e de autoridades; realizar a destruição de material bélico capturado ou apreendido; realizar trabalhos de engenharia de construção; e outras missões previstas no Mandato das Nações Unidas.

Prossegue salientando o fato de que o adestramento e instrução individual cabe a cada Estado Membro, no entanto devem seguir os módulos de treinamentos padronizados, devendo as instruções das tropas abranger duas áreas: uma básica e outra geral.

Diante de todas as transformações ocorridas ao longo dos anos nas missões de paz da ONU, tornou-se necessário que mudanças no adestramento e no perfil do oficial brasileiro para tais missões também ocorresse. Os treinamentos para tais missões são bem específicos, tendo os mesmos sido adaptados a estas novas condições.

Para participar das missões no Haiti, no início do ano de 2004 com a tomada da liderança militar para esta missão o contingente foi treinado tendo por base os procedimentos adotados em Angola, na década de 1990. (NUNES, 2013)

O desafio para o Brasil era novo e para tanto deveria preparar-se adequadamente para a missão, a qual exigia a atuação de um batalhão de infantaria que seguisse o proposto no Capítulo VII da Carta da ONU, o qual prevê a necessidade de proteção a civis e a adoção de uma postura robusta pelo componente militar da missão (NUNES, 2013).

> O mandato da MINUSTAH, claramente definido como de Capítulo VII, não fugiu a essa visão, concedendo ao Componente Militar, detentor do monopólio do uso da força no terreno, o uso da força em autodefesa e em defesa do mandato, o que facultava o emprego de meios, técnicas e táticas ofensivas para a implementação dos objetivos da missão (NUNES, 2013, p. 17).

Para a preparação em Angola no ano de 1990 o uso da força era limitado, já para o treinamento focado na MINUSTAH no ano de 2004 o uso da força era permitido para que se alcançasse os objetivos da missão. (NUNES, 2013)

A missão de paz ao Haiti possuí características diferentes das anteriores, onde grupos de forças adversas certamente usariam resistência armada contra as tropas militares, havendo gangues armadas e também vertentes políticas, formada por criminosos, tudo isso em um cenário urbano, onde havia muitos civis. (NUNES, 2013)

> Uma rápida e intensa adaptação àquela realidade foi feita pelos contingentes brasileiros iniciais com vigor, mas não sem dificuldades. As informações recebidas dos batalhões brasileiros, reportando operações urbanas complexas, patrulhamento robusto e intensivo, domínio territorial, ações de busca, cerco e vasculhamento e muitas outras, instruíram o treinamento. Este pôde, então, encontrar lugar fértil e prosperar na criação do Centro de Instrução de Operações de Paz (CIOpPaz), em 2005, predecessor do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB , criado em 2010) (NUNES, 2013, p. 18).

O Centro Conjunto de Operações de Paz (CCOPAB) modificou o treinamento dos militares, adaptando-o de acordo com o novo ambiente operacional, sendo necessário uma melhor qualidade, havendo cursos específicos com a finalidade de fazer com que todos os militares conseguissem por si só tomar decisões, enfrentar riscos e atingir os objetivos propostos pela missão. São priorizados o treinamento de tiro, combate urbano e liderança. (NUNES, 2013)

Nos anos de 2006 e 2007 houve novos ajustes nos treinamento, uma vez que as ações agora passaram a ser do tipo polícia. Agora tais treinamentos visavam a detenção temporária de indivíduos, mandatos de prisão, policiamento ostensivo, controle de distúrbios, dentre outros. (NUNES, 2013)

A missão foi positiva, sendo reconhecida internacionalmente por seu sucesso. Porém no ano de 2010 um terremoto assolou o Haiti, devendo novamente o preparação dos militares ser adequado para à nova realidade das ações no país, o qual se encontrava destruído, tanto em estruturas quanto em vidas. (NUNES, 2013)

O treinamento agora tinha como foco técnicas e táticas para realizar sepultamentos, proteger deslocados e refugiados, fazer a segurança durante a distribuição de alimentos e água

à população, dentre outras ajudas necessárias a restabelecer a ordem diante do caos provocado pelo terremoto. (NUNES, 2013)

Figura 2: Terremoto no Haiti em 2010

Fonte: ONU, 2016.

Um segundo Batalhão brasileiro foi enviado ao Haiti nas seguintes condições:

> A esta altura, já havia sido implementado um sistema de avaliação de treinamento e desempenho, ágil e composto de visitas ao terreno, entrevistas eletrônicas e pessoais, avaliação de cursos e estágios, orais e escritas e análise regular de relatórios. É neste sistema que o CCOPAB até hoje baseia fortemente os ajustes de rumo que se façam necessários ao treinamento, de modo que a instituição esteja sempre atualizada em relação ao cotidiano das missões. (NUNES, 2013, p. 20)

Após sua atuação pós-terremoto o Brasil faz rodízio entre os militares que participam das missões de paz, sendo que um efetivo de mais de 25 mil homens e mulheres já participaram desta experiência. A eles, o principal treinamento dado é o de tiro, o qual deve ser preciso, uma vez que se trata de missão em área urbana, onde deve-se fazer a difícil distinção entre grupos armados hostis e população civil. (NUNES, 2013)

Os treinamentos dados são feitos de forma genérica relativo à ONU e de forma específica relativo à MINUSTAH, incluindo trabalhos em grupo, exercícios de tiro, simulação, exercícios de posto de comando, de liderança, dentre outros. O CCOPAB ainda qualifica militares para as funções de Logística e Reembolso, Coordenação Civil-Militar e Tradutores Intérpretes. (NUNES, 2013)

Em junho de 2014 uma nova configuração de operação está sendo estudada, com a finalidade da retirada das tropas do Haiti, ou reconfiguração da missão.

> No caso da adoção da opção de extinção da missão e de não ocorrer a participação do Brasil por meio de um Batalhão em outra missão de paz, haverá logicamente modificações substantivas no conteúdo e no modelo. Nesta situação, sem

> desdobramento imediato, mas com desdobramento potencial, o compromisso brasileiro com a ONU de manutenção de um batalhão de infantaria (entre outros elementos) em sistema de espera (stand by) pode indicar o treinamento de núcleos de comando de Unidade em diferentes Comandos Militares de Área por equipes móveis do CCOPAB . Isto permitiria a manutenção de uma capacidade de mobilização suficiente em cada região (HAMANN, 2015, p. 21).

Observa-se que o perfil do oficial militar nas missões de paz passou a ser o de um combatente urbano, o qual deve ser capaz de desenvolver os atributos de um líder e colocar a população civil em primeiro plano.

5 O PERFIL DO OFICIAL BRASILEIRO PARA AS MISSÕES DE PAZ

Observa-se, pelo exposto até este momento, que muito se fala em liderança assim sendo, necessário se faz trazer o conceito de liderança, que segundo, é:

> A capacidade evidenciada por um indivíduo para influenciar outros militares, subordinados ou não, seja em tempo de paz, seja em situações de crise ou guerra, motivando-os a cumprir de forma adequada suas missões específicas e a participar de forma pró-ativa das atividades desenvolvidas pelo grupo a que pertencem. (BRASIL, 2015, p.10)

De acordo com o Manual de Liderança Militar, o líder é "o militar habilitado a conduzir subordinados ao cumprimento do dever, em razão do cargo de chefia que exerce". No entanto, há determinados atributos que se devem relacionar à liderança, a saber: área afetiva, atitudes, caráter, crenças, ética militar, interesses, motivação, normas e valores. (BRASIL, 2008, p. 3)

Ainda, a credibilidade é a principal característica que um líder deve possuir, onde a partir daí desenvolve-se a confiança e o respeito. Para isso é preciso que se desenvolvam três pilares: competência profissional, senso moral e outros atributos.

É preciso que o líder desenvolva alguns princípios de liderança militar e cita: conhecer sua profissão, conhecer-se e procurar o auto-aperfeiçoamento, assumir a responsabilidade por seus atos, decidir com acerto e oportunidade, desenvolver o senso de responsabilidade em seus subordinados, servir de exemplo a seus homens, conhecer e cuidar do bem estar de seus subordinados, manter seus homens bem informados, assegurar-se de que as ordens são compreendidas, finalizadas e executadas, treinar seus subordinados como uma equipe, atribuir missões a seus homens de acordo com as possibilidades destes.

O líder deve ter alguns atributos que segundo o Manual de Liderança são competência, responsabilidade, decisão, iniciativa, equilíbrio emocional, autoconfiança, direção, disciplina, coragem, objetividade, dedicação, coerência, camaradagem, organização, imparcialidade, persistência, persuasão.

O bom líder deve possuir outras qualidades como, conhecimento dos subordinados, compreensão da natureza humana, competência profissional, técnica e tática.

O Manual de Treinamento Físico Militar indica que é preciso que o líder possua alguns valores, como integridade de caráter ou probidade, honra, honestidade, lealdade, senso de justiça, respeito, disciplina. Igualmente importante que o líder possua valores cívico-profissionais, tais como: patriotismo, espírito de corpo, camaradagem, além disso, o líder

deve praticar algumas ações como comunicação, motivação, disciplina e coesão. (BRASIL, 2015)

É preciso rapidez nas decisões, para que em condições de incerteza e caos possa decidir de forma correta, ser criativo e saber planejar. É preciso acima de tudo manter o respeito pelo próximo, ser ético, ser um líder democrático, fazendo com que seus subordinados sintam confiança. É preciso que o líder seja formador de novos líderes, descentralizando e delegando competências.

Além destes atributos destaca-se a importância das relações internacionais, uma vez que tais missões ocorrem em outros países, assim, se faz necessário uma adaptação do militar a este novo elemento, tendo em mente que, estando em outro país é preciso conhecer a cultura local, entender o idioma, para poder estar mais perto da população. É fundamental que o militar, em missões de paz, transmita tranquilidade e segurança à população civil, o que somente conseguirá interagindo com a mesma, respeitando seu espaço e vivenciando sua cultura.

Ao desenvolver tais atributos o militar será capaz de conquistar a confiança e respeito da população civil, com a qual poderá contar em momentos de dificuldades no combate às forças adversas.

Tais atributos facilitam a comunicação fazendo com que em momentos de insegurança e incertezas o militar seja capaz de mostrar-se humano e colaborador. Conhecer o idioma local está diretamente relacionado à segurança da missão, uma vez que terá a população local como aliada.

É imperativo, além dos conhecimentos que adquire em seus treinamentos também entender um pouco de psicologia, sociologia, relacionamento interpessoal, negociação, ter capacidade de entender e adaptar-se.

As características relativas ao líder militar e sua adaptação a ambientes estrangeiros facilitaram o bom relacionamento do Brasil com a ONU, face aos resultados positivos alcançados nas missões de paz. Um fato que comprova essa credibilidade é o grande número de missões que o país participou e o efetivo diversificado que foi empregado. Essa trajetória afirma o Brasil como um ator relevante para a segurança mundial.

6 CONCLUSÃO

Após analisar os dados bibliográficos referentes a este estudo, conclui-se que o perfil do oficial brasileiro do século XXI nas operações de paz tem sido caracterizado pela liderança, bem como, valorização das relações internacionais, conhecimento da cultura local e do idioma do país em que irá atuar.

Tal perfil se formou em face as mudanças ocorridas nos cenários das missões, uma vez que agora, as áreas de operações são em centros urbanos, onde a população civil mistura-se às forças adversas, sendo importante dessa forma que o oficial brasileiro tenha conhecimento da cultura local, além de ser treinado para lidar com esse tipo de cenário.

O oficial brasileiro tornou-se não unicamente um combatente, mas um indivíduo que necessita discernir e tomar decisões no momento em que sentir-se acuado. Tornou-se um indivíduo mais humano, onde combater não é apenas sua missão, mas zelar pelas vidas civis que estão à sua volta, bem como protegê-las e resolver conflitos de forma mais humana, evitando usar a força.

Os conceitos e valores básicos devem ser seguidos, no entanto o oficial deve aprender novas técnicas e teorias, buscando uma conexão entre o antigo e o novo, tirando de cada um o melhor de acordo com suas necessidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Manual de operações de paz.** Brasília: Exército Brasileiro, 2009.

_______. **Manual de campanha. Treinamento Físico Militar.** Brasília: Exército Brasileiro, 2015.

_______. Exército. Estado-Maior. **IP 20-10: liderança militar.** Brasilia, DF, 2008.

HAMANN, E. P. **Brasil e Haiti:** reflexões sobre os 10 anos da missão de paz e o futuro da cooperação após 2016. 2015. Disponível em: <www. /igarape.org.br/wp-content/uploads/2015/04/AE-13_Brasil-e-Haiti.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Brasil e as missões de paz.** Disponível em: <www.defesa.gov.br>. Acesso em: 30 mar. 2017.

NUNES, J. R. V. **Treinamento para o batalhão brasileiro desdobrado na MINUSTAH:** a consolidação de um modelo. 2013. Disponível em: <www. /igarape.org.br/wp-content/uploads/2015/04/AE-13_Brasil-e-Haiti.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

ONU. **ONU conta história das missões de manutenção de paz, que completam 68 anos.** Disponível em: <www.macoesunidas.org>. Acesso em: 31 mar. 2017.

SILVA JÚNIOR, T. **Breve histórico das operações de paz.** Disponível em: <www.batalhaosuez.com.br>. Acesso em: 31 mar. 2017.

UNIC. **A ONU e a paz.** Disponível em: <www.unicrio.org.br>. Acesso em: 31 mar. 2017.